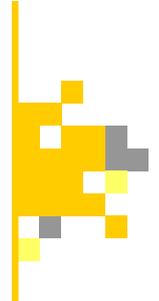


ENTREVISTA

Inger Enkvist

(Doutora em Literatura Espanhola, Professora Emérita, Universidade de Lund, Lund, Suécia)



Sobre a entrevistada

Pedagoga sueca, professora emérita do Centro de Línguas e Literatura da Universidade de Lund na Suécia. É também licenciada em filologia francesa, além de hispanista e pedagoga, contando com larga experiência no ensino primário, secundário e superior. Expert em idiomas como inglês, francês e espanhol, desenvolveu sua tese de doutorado em literatura espanhola na Universidade de Gotemburgo. O seu currículo acadêmico registra uma larga e valiosa trajetória intelectual, tendo investigado ao longo de décadas as causas da queda da qualidade educacional no Ocidente.

ORCID: 0009-0006-5260-4254

E-mail: inger.enkvist@sol.lu.se

Entrevista com Inger Enkvist: por que o trabalho docente com foco no ensino tradicional é mais efetivo e democrático?

Resumo:

Em outubro de 2024, Inger Enkvist, professora emérita em literatura espanhola da Universidade de Lund na Suécia, e estudiosa das teorias pedagógicas e práticas educativas adotadas em todo Ocidente, aceitou o convite da Universidade Federal do Paraná, participando como palestrante na Conferência Internacional intitulada: “A Importância dos Professores e da Formação Docente: Por que o trabalho docente com foco no ensino tradicional é mais efetivo e democrático?”. A mediação desse evento foi realizada pelos professores Luis Gomes de Lima e Raquel Angela Speck, ambos docentes da UFPR Setor Palotina. Na ocasião, Enkvist expôs sua perspectiva atual sobre o debate teórico em torno do currículo e das novas pedagogias. Suas considerações demonstram que a inversão gerada pelo construtivismo tem retirado a autoridade epistêmica dos professores, ao mesmo tempo em que priva os estudantes do acesso aos saberes e conhecimentos disciplinares, com redução do nível intelectual nas escolas e na sociedade. Suas investigações sobre diversos sistemas de ensino em todo Ocidente apontam para uma profunda crise na educação, com efeitos diretos na queda de sua qualidade nos países que adotaram as novas pedagogias. Como forma de superação dessa crise defende um conjunto de medidas, a saber: 1) ter bons e valorizados

professores nas escolas que dominem os conteúdos de suas matérias; 2) centrar o processo de ensino nesses professores; 3) valorizar o conhecimento na escola e nos currículos; 4) adotar a Instrução Direta como modelo pedagógico nas escolas; 5) ter apoio da família para fazer com que os alunos estudem e realizem as tarefas de casa. Com essas medidas, situa a importância da formação docente com foco na pedagogia tradicional. A entrevista a seguir pretende apresentar as ideias dessa pesquisadora, de certa forma, desconhecidas da área educacional brasileira. As reflexões sobre suas investigações constituem um marco na crítica às práticas construtivistas e às novas pedagogias na contemporaneidade com vistas a uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Importância dos professores; Pedagogia tradicional; Instrução direta

Interview with Inger Enkvist: why is teaching work focused on traditional education more effective and democratic?

Abstract:

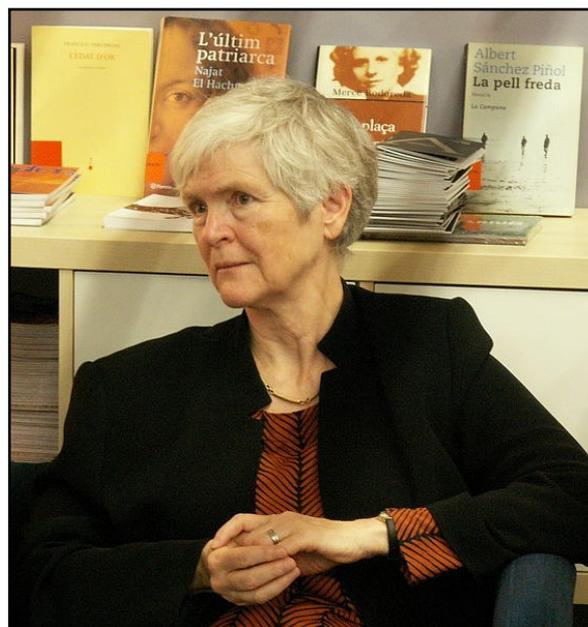
In October 2024, Inger Enkvist, Emeritus Professor of Spanish Literature at Lund University in Sweden and scholar of the pedagogical theories and educational practices adopted across the Western world, accepted an invitation from the Federal University of Paraná to participate as a speaker in the International Conference titled: “The Importance of Teachers and Teacher Training: Why Teaching Focused on Traditional Education is More Effective and Democratic?” The event was moderated by Professors Luis Gomes de Lima and Raquel Angela Speck, both faculty members at UFPR Palotina Campus. During the event, Enkvist shared her current perspective on the theoretical debate surrounding curriculum and new pedagogies. Her considerations demonstrate that the reversal brought about by constructivism has stripped teachers of their epistemic authority, while simultaneously depriving students of access to disciplinary knowledge, leading to a decline in intellectual standards in both schools and society. Her research on various educational systems across the Western world points to a profound

crisis in education, with direct effects on the decline in its quality in most countries that have adopted the new pedagogies. As a way to overcome this crisis, she advocates a set of measures, namely: 1) having good and respected teachers in schools who are experts in their subjects; 2) centering the teaching process around these teachers; 3) valuing knowledge in schools and curricula; 4) adopting Direct Instruction as the pedagogical model in schools; 5) gaining family support to ensure that students study and complete their homework. Through these measures, she underscores the importance of teacher training focused on traditional pedagogy. The following interview aims to present the ideas of this researcher, which are, to some extent, unknown in the Brazilian educational field. Her reflections on her research constitute a landmark in the critique of constructivist practices and new pedagogies in contemporary education, with a view to achieving high-quality education.

Keywords: Importance of teachers; Traditional pedagogy; Direct instruction

Apresentação

Figura 1 – Inger Enkvist



Fonte: Per A.J. Andersson/Wikipédia (2014)

O objetivo da entrevista é o de divulgar e fornecer acesso ao campo educacional brasileiro sobre as conclusões que a pesquisadora tem chegado a respeito da crise educacional em todo Ocidente. Bem como possibilitar reflexões críticas ao contexto pedagógico contemporâneo com suas práticas articuladas ao construtivismo. Nesse contexto, Enkvist vem desenvolvendo investigações em torno de questões educativas, métodos de ensino e metodologias pedagógicas, constatando que métodos educativos que dão muita iniciativa para os alunos na sala de aula fracassaram em todo Ocidente. Como também, tem verificado que nos sistemas de ensino e nas escolas, em especial nos países asiáticos, onde se vale a disciplina, a exigência do esforço dos alunos, o respeito aos professores e ao conhecimento, logrou-se êxito em termos de qualidade educacional. Tais constatações se encontram amplamente discutidas e comprovadas em várias obras de sua autoria como *Educação em perigo* (2000). *Repensar a educação* (2006). *A boa e a má educação: exemplos internacionais* (2011). *Educação: guia para perplexos* (2014). *Conhecimento em crise: as ideologias na educação* (2022), entre outras.

No referido evento, a pesquisadora respondeu a questões prévias elaboradas pelos participantes inscritos, bem como questionamentos ao vivo realizados no chat. E apresentou suas considerações acerca da

importância da valorização da centralidade dos professores no processo de ensino e, por conseguinte, na formação docente. Nessa direção, argumenta que o trabalho docente *com foco no ensino tradicional* é mais eficaz e democrático e defende a retomada da autoridade epistemológica dos professores nas escolas. Para ela, não é possível propostas educativas que descentralizam a função do professor e priorizem processos formativos e intelectuais baseados no *infantocentrismo*. Como demonstra em suas obras e explicita na entrevista, todos os países e sistemas educacionais que adotaram a promoção de práticas pautadas nas novas pedagogias, como gosta de chamar o conjunto de ideias construtivistas usadas na educação, tiveram uma drástica queda na qualidade educativa. Apresenta, ainda, sólidas evidências que demonstram as novas pedagogias como prejudiciais à qualidade educativa em todo Ocidente.

Nessa perspectiva, os apontamentos presentes nesta entrevista com Inger Enkvist, contribuem para gerar profundas reflexões e fornece um novo, e mais amplo olhar aos professores, aos pesquisadores, aos estudantes de pós-graduação e, quiçá, àqueles que regem os sistemas públicos de ensino, a respeito de propostas, perspectivas teóricas e práticas fundamentadas em sólidas evidências de comprovação que conduzem à qualidade educacional.

Quanto a nós, estendemos os mais sinceros agradecimentos à professora Inger Enkvist, por sua franca disponibilidade em compartilhar conosco dos resultados de suas pesquisas e à sua gentileza em responder nossas perguntas. A seguir, o leitor encontrará a transcrição das questões que foram respondidas pela professora Inger Enkvist no referido evento.

1. A professora pode nos contar um pouco de sua trajetória e o que a levou a buscar estudar os problemas educacionais em todo Ocidente?

Inger Enkvist – Bom, acho que tem sido muito importante começar com algo prático. Comecei e terminei a licenciatura muito cedo, e comecei a trabalhar com alunos entre os 14 e os 16 anos e isso foi muito importante, porque nessa idade o professor consegue ler na cara dos estudantes o que eles pensam. É um feedback, uma retroalimentação muito forte. E depois, quando cheguei à universidade e organizei jornadas de Educação para professores percebi que eu tinha uma experiência prática, uma capacidade de leitura de relatórios que se aprende na universidade. E, também, tinha várias línguas estrangeiras: inglês, francês, espanhol, alemão etc. Então, nas minhas viagens tenho conseguido me conectar com os sistemas educacionais de muitos países. E é isso que estou fazendo, estou combinando minha experiência prática com minha capacidade de analisar e comparar o que é feito

em outros países.

2. No que consistem as novas pedagogias, quais suas origens e quais seus resultados para a educação?

IE – A primeira questão tem a ver com as novas pedagogias e qual é a origem e qual é o resultado. Poderíamos começar, por exemplo, no século 19, mas acho que é melhor começar com John Dewey, o filósofo e pedagogo norte-americano em seu famoso livro de 1916 que se chama *Democracia e Educação*. E o que é notável é que ele coloca a democracia à frente da educação, ou seja, o seu propósito, eu afirmo, é mais político do que educativo. O que ele quer? Ele é um dos primeiros a querer usar a educação por razões políticas. Quando se lê seu livro, um professor se pergunta, mas de qual idade do aluno ele está falando? Sobre qual matéria ele está falando? sobre o que os alunos devem aprender este ano, nesta matéria? Bem, isso é muito vago! O que ele [Dewey] está falando? O que ele está dizendo? Ele diz que os estudantes deveriam colaborar, que devem ser ativos, que não deveriam ficar sentadas ouvindo o professor. E, que isso seria uma modernização, talvez uma preparação para o mercado de trabalho, e acima de tudo, para se tornarem cidadãos e colaborarem. Eu creio que isso resume o que é a nova pedagogia, ou, se quiser a pedagogia progressista, que é outro nome para a mesma coisa.

3. Na escola quem deve ser ativo na transmissão de saberes objetivos e sistematizados é o professor, ele é a autoridade epistêmica na escola. Quais os efeitos da inversão gerada pelas novas pedagogias em retirar o professor do centro do processo educativo e nele se colocar o aluno?

IE – O que se vê na pergunta, que é uma palavra muito importante, é a autoridade do professor. E, a pergunta inclui, também, a palavra inversão. Porque, efetivamente, é uma inversão da autoridade que se passa do professor para o aluno. E, o resultado, é que o conhecimento diminui! E podemos mencionar a falta de concentração dos alunos nesta nova forma de conduzir a sala de aula. E por que não funciona também? Bem, porque são crianças ou jovens, e estão inquietos, querem se movimentar. É difícil para eles se concentrarem. A autoridade do professor é necessária para não permitir que façam o que mais gostam, que seria brincar e conversar durante as aulas. Então, número um, porque são jovens. Número dois, é ainda mais difícil para os meninos que tendem a ter um pouco menos de maturidade, principalmente no ensino fundamental. E é mais difícil para os alunos de classe social mais baixa, dado que possam não ter desenvolvido interesse em tópicos intelectuais ou culturais em casa. Portanto, é negativo para todos. Mas, novamente, nunca foi provado que isso [a inversão gerada pelas novas pedagogias] funciona.

Assim, não passa de uma ideia sem comprovação.

4. Há um crescimento nas pesquisas e práticas educacionais em se valorizar o multiculturalismo e o decolonialismo em detrimento dos conhecimentos clássicos, historicamente produzidos e ensinados nas escolas. Quais os efeitos dessa desvalorização/rejeição pelo clássico, pelo saber erudito e intelectualizado na formação dos estudantes?

IE – O resultado tem sido que a ignorância aumenta. Porque, esse ensino multicultural ou decolonialista, tende a ensinar uma forma ideológica de ver o mundo, e não ensina tanto os fatos, e, tão pouco, ensina a argumentar. Mas, antes, ensina o resultado dos argumentos de outras pessoas. Então, ao invés de se ensinar o que o está no livro, ou o que diz o professor, impõem-se uma ideia que há algo de autoritário em algo que deveria ser antiautoritário. E o ruim, do meu ponto de vista, é que quando o volume de conhecimento dos dados diminui, o aluno fica privado da possibilidade de desenvolver um pensamento próprio, porque aprendeu uma ideia geral sobre algo, mas, não aprendeu todos os fatos, e por isso é muito difícil para o aluno trabalhar de forma autônoma para tirar conclusões. Falar de multiculturalismo e decolonialismo nas aulas, é de certo modo uma maneira de mostrar desprezo pelo conhecimento que a escola deveria transmitir. É curioso, porque

faz o oposto do que é dito e todos podem notar que o prefixo multi se leva a pensar que se poderia aprender muito, sobre muitas culturas, mas, em geral, significa aprender menos, e a partir de certas perspectivas já definidas.

5. Hanna Arendt em “A Crise na Educação” (1958), afirma que propostas pedagógicas pautadas em uma “espantosa salganhada de coisas, com sentido e sem sentido”, foram responsáveis pela crise na educação. Arendt, aponta três causas para essa crise: 1) a emancipação do mundo infantil em detrimento da diminuição da autoridade dos adultos, especialmente dos professores; 2) o ensino pragmatista, em detrimento do ensino dos grandes clássicos e; 3) a diminuição da autoridade epistêmica dos professores, em favor da centralização dos estudantes no processo escolar com foco na preocupação sobre suas experiências de vida cotidianas. Para a autora, a crise só será superada quando se restituir a tradição na educação, entendida como o legado das gerações anteriores para as futuras gerações. A senhora poderia comentar se continuamos nessa crise e se há horizontes visíveis para alguma superação?

IE – É um ensaio maravilhoso! E sim, sim, muito citado. E com razão e clareza, Hanna Arendt fala sobre essas ideias de se negar ao aluno a autoridade dos professores. E é um erro, porque a

autoridade do professor é necessária. E se fala da educação como algo prático, manual ou ativo. E se fala de um professor que não pode trabalhar nas aulas, porque ele tem muito conhecimento, porque o conhecimento do professor não é muito importante na nova pedagogia. Claro, o resultado é o que Hanna Arendt diz e que vemos todos. E que se cria uma desordem porque, como ela diz no ensaio, não é que não haja autoridade, mas sim que a autoridade está deslocada [do professor para os alunos]. A autoridade se move entre os alunos, e muitas vezes em direção a um aluno, como líder de um grupo, que talvez não tenha interesse pelos estudos e, o resultado é o que disse ela, há desordem. Há falta de concentração e rigor nos estudos, e se instala um ambiente de que tudo vale. E isso, por sua vez, prejudica os professores mais idôneos, que não querem deixar de ter responsabilidade pela desordem que se implementa. Tudo isto leva ao contrário do que se supunha, leva a mais desigualdade social, porque os alunos não têm tido um certo nível cultural na escola que deveriam ter aprendido em casa. E, outra vez, é como disse Hanna Arendt, como ela diz, e é incrível que ela tivesse visto isso nos anos 50, e depois de apenas alguns anos vivendo nos Estados Unidos.

6. Há um tabu que foi construído ao longo do tempo sobre o ensino tradicional que evidencia, em geral, desconhecimento dessa modalidade de

ensino. De fato, o ensino tradicional, proposto pela primeira vez por Bobbitt em 1918, baseado em critérios do fordismo, não retrata mais o que significa ser tradicional na prática pedagógica e didática nas escolas. Nesse caso, favor explicar o que significa a palavra tradicional na educação, e por que essa prática é mais efetiva para o aprendizado dos estudantes?

IE – É uma pergunta muito interessante, porque a palavra "tradicional" adquiriu uma conotação tabu. Tende-se a descartar tudo o que é considerado tradicional. Mas, o que realmente entendemos por "tradicional"? Neste contexto, trata-se de centrar a aprendizagem não no aluno, como sugerem alguns lemas pedagógicos, mas nas matérias. É fundamental ter um currículo que organize o que acontecerá em sala de aula. Devemos focar o ensino no que os alunos devem aprender, e para isso, é necessário contar com professores que dominem esse currículo e as matérias que ensinam.

Um terceiro fator importante é a necessidade de que os alunos se sintam obrigados a estudar o que está incluído no currículo. Se não houver provas nem exames, e se os alunos puderem ignorar o que devem fazer, o sistema não funcionará. Para manter um ensino tradicional, são necessários esses três elementos: um currículo claro, professores preparados e alunos que colaborem e tentem aprender.

Para que os alunos se esforcem para

aprender, é necessário estabelecer algum tipo de pressão sobre os alunos. Isso pode soar mal, e alguns podem ficar horrorizados, mas é preciso lembrar que são jovens, e nem todos têm vocação para estudar. Para organizar a aula de maneira eficaz, deve existir uma obrigação mínima de ouvir e colaborar para se ter ao menos a tentativa de aprender.

7. Em recente estudo: "A eficácia dos currículos de instrução direta: Uma meta-análise de meio século de pesquisa" de Stockard, Wood, Coughlin, & Rasplia Khoury (2018), publicada na *Review of Educational Research*, 88(4), há conclusões surpreendentes sobre a ineficácia de propostas de ensino baseadas na adoção de práticas construtivistas. Essa pesquisa demonstra que a Instrução Direta, por apresentar os conteúdos de forma explícita, organizada, de maneira lógica e sequenciada, se mostrou muito superior e muito mais eficaz em termos de resultados de aprendizagem, inclusive, a longo prazo. Os próprios autores, nas suas considerações finais, relatam não entenderem os motivos da Instrução Direta não ser amplamente adotada nem implementada nos sistemas de ensino. Por que, então, diante de tantos dados e evidências de fracasso dos métodos construtivistas, eles continuam sendo utilizados amplamente em todo Ocidente?

IE – Acredito que vocês sabem tão bem quanto eu

que isso se deve a uma manobra política. Uma parte do espectro político decidiu que o construtivismo é uma abordagem progressista que deve ser mantida. É um ato de vontade, não importa que não haja bons resultados. Essa postura está sendo imposta como uma política, e, como vocês sabem, há grupos que conseguiram empregos e desejam permanecer em suas posições sustentando essa ideologia, sem interesse em mudanças.

Isso ilustra como interesses estabelecidos, muitas vezes, se sobrepõem ao conhecimento científico. Porque cientificamente se tem demonstrado, há décadas está comprovado que a Instrução Direta é mais eficaz do que o construtivismo, especialmente para alunos com dificuldades, ou, que aprendem mais lentamente. Apesar disso, é difícil implementar mudanças, pois o construtivismo utiliza uma linguagem que soa atrativa, e muitos políticos, pais e até jornalistas acabam priorizando palavras ao invés de fatos. É triste, mas essa é a realidade.

8. Em um de seus livros, *A Boa e a Má Educação*, ao citar Alain Bentolila a respeito do “pudor escolar” versus as práticas das novas pedagogias, observa-se um estranho cenário onde os alunos perderam o pudor e acham normal dedicarem-se mais a expressar suas opiniões pessoais do que se esforçarem para aprender. Quais os efeitos e fracassos gerados pela perda do pudor escolar?

IE – Sim, é uma expressão que não se ouve muito, mas que reflete claramente o respeito pelo conhecimento, pelo professor, pelos colegas e pela escola enquanto instituição social. Quando não há esse respeito social, e os alunos aparecem com roupas provocantes, ou, usam palavrões, até insultando professores e colegas, isso demonstra uma falta de consideração pela escola e uma ausência de autoridade escolar. Eles não se importam em se comportar de maneira inadequada, mostrando que não veem diferença entre um ambiente público e um privado.

Esse comportamento inadequado se perpetua na sociedade porque não é ensinado nas escolas. Além disso, os alunos tendem a agir de forma imprópria em situações públicas. Assim, o tom civilizado se perde quando eles não aprendem que, na escola, existe um certo padrão de respeito e pudor. Essa falta de respeito pelo conhecimento, ao professor e pelos outros, é um dos principais problemas que enfrentamos atualmente nas escolas.

9. Pergunta do chat: Há debates em alguns países sobre abolir o dever de casa. A professora pode falar qual sua visão sobre isso?

IE – Sim, claro. O dever de casa já foi abolido em muitos países, e eu vejo o primeiro motivo, o porquê, e acho que isso pode estar relacionado ao estado de bem-estar das famílias e do próprio aluno. Na verdade, eles não têm medo de não

conseguir ganhar a vida, ou, realmente, passar dificuldades. Então, parece inútil, não necessário, trabalhar [estudar] tanto na escola. Em tais contextos, parece desnecessário sobrecarregar os alunos com trabalho escolar, já que suas necessidades básicas estão sendo atendidas.

Outra ideia, da parte da escola, é que se pode pensar que, se dermos tarefas para casa, haverá um problema para o professor, porque nem todos vão fazer a tarefa. E o que, então, faz o professor, que não tem nenhum meio de obrigar o aluno? Mas por que deveria haver tarefa? Deveria haver tarefa, por várias razões. Uma delas é para acostumar-se a ter responsabilidades. É importante que os alunos se acostumem a assumir responsabilidades, já que isso é parte do seu trabalho. Começando com tarefas pequenas na escola primária, eles podem gradualmente aprender a lidar com mais responsabilidades ao longo do tempo. Se você trabalha com tarefas de 15 minutos na escola primária, será mais fácil para você ter responsabilidade no Ensino Médio e trabalhar [estudar, se esforçar] um pouco mais. Isso é semelhante a adquirir o hábito de escovar os dentes; é uma prática que deve ser cultivada.

Do ponto de vista pedagógico, o dever de casa oferece benefícios significativos. Conto, por exemplo, o que se estudou sobre os chineses. Diz-se que na China, é comum que os alunos aprendam conteúdos de forma sistemática e decor [de memória]. Isso, de acordo com o

construtivismo, é algo muito ruim, muito inútil, não criativo e outras coisas negativas contra a memorização. Mas, as pesquisas sugerem que o método chinês é eficaz. Na China, é normal pensar uma aula em duas partes.

Na primeira, os professores explicam algo novo, introduz alguns exercícios, e depois dão o dever de casa para a próxima vez, que é revisar o que foi transmitido durante a aula. Repassar, revisar e reforçar. Porque, se for feito em casa, o aluno vai se lembrar melhor, e é necessário fazer isso em casa, porque assim se cria um intervalo de tempo, e a informação entra melhor no cérebro. Além disso, se o aluno não entendeu bem durante a aula, ele tem a possibilidade de revisar, perguntar, ler novamente e, assim, talvez consiga entender. Então, é uma ajuda, é um pouco a salvação do aluno mais lento, com dificuldade para aprender. Por isso, é muito importante, especialmente para aqueles que aprendem lentamente. Os melhores alunos talvez já aprendam mais rapidamente isso depois da primeira apresentação.

Durante a segunda aula, o professor faz uma revisão da lição e, bem, se certifica de que todos saibam o que precisam saber. E talvez ele acrescente alguma exceção ou algo a mais, e depois dá novamente a mesma lição como tarefa de casa. E depois, eu penso que nunca mais será necessário revisar aquilo, pois supostamente, depois, os alunos podem passar para outro

conteúdo, porque isso já foi aprendido. E nem os livros didáticos contêm muito material de revisão, porque, supostamente, isso já foi aprendido e é responsabilidade do aluno saber o que foi ensinado.

Isso dá uma ordem ao aprendizado, pois sinaliza para todos o que o aluno sabe, os pais sabem, o professor sabe; assim, entra um pouco de organização no aprendizado. E a tarefa de casa é, novamente, um reforço. Repito: isso é, principalmente, para os alunos mais lentos e com dificuldades, que têm a possibilidade de se colocar no mesmo nível dos outros alunos. Para isso serve a tarefa. E além disso, o objetivo típico da tarefa é continuar com algo aprendido na aula, especialmente para os mais novos. Para as outras idades, pode-se basear no que foi aprendido em aula e talvez ir um pouco além, mas não deveria ser algo totalmente novo, e sim revisão, reforço, consolidação dos conhecimentos. Por isso, não é só ser "bonzinho" com os alunos e não dar tarefa; isso é um erro! Esse não é o propósito da tarefa.

10. Em “A boa e a má educação”, a professora demonstra que o atual estado educacional em quase todo o Ocidente é fruto da combinação entre o descaso, a irresponsabilidade e a hipocrisia. Nos exemplos sobre a França, ao citar Bentolila é afirmado que a incompetência e a mediocridade têm o poder no mundo da educação. Uma vez que os sistemas públicos de

ensino são, em geral, controlados politicamente, poderíamos afirmar que todo esse descaso para com a educação é intencional? Faz parte do projeto de políticos para evitar a intelectualização das massas? Afinal, como se explicar essa combinação entre descaso, irresponsabilidade e hipocrisia, para além de um parvo projeto por parte dos políticos?

IE – É uma pergunta que vai direto ao núcleo da dificuldade e pode ser respondida de várias maneiras. Uma delas é conceder à ciência ou à pedagogia uma perspectiva antiautoritária, acreditando que a pedagogia deve libertar os alunos da autoridade do professor, dos livros e até mesmo da disciplina da matéria. Essa visão, que não é explicitamente declarada, sugere que o conceito de autoridade é um conceito político de direita, e por isso deve ser combatido.

Há também outra maneira política de ver isso. Se existe uma política de igualitarismo, onde um partido afirma que aqueles que sabem e os que não sabem devem ser considerados iguais, isso se torna uma forma de clientelismo. Ou seja, defender igualmente os que não sabem e os que sabem, fazendo com que os que possuem conhecimento não se sintam superiores. Essa atitude se baseia na ideia de que o conhecimento não é realmente importante para realizar diferentes tarefas, mas sim como uma decoração, algo extra que algumas pessoas de classe média possuem, e que não deveriam ter, considerando-

se uma vantagem injusta.

Se voltarmos a Hanna Arendt, ela usa a expressão de que a educação é política. Acredito que ela está certa. Devemos pensar que ter conhecimentos, saber ler e escrever bem, conhecer história e geografia, e ter elementos de ciências naturais, são coisas que os jovens devem aprender antes de começarem a se perguntar a que partido querem apoiar. Isto deveria ser anterior. Para que possam formar sua profissão e decidir depois, precisam dessa formação política, e para isso necessitam da autoridade do professor, para se concentrar e aprender de maneira ordenada, pois estão fazendo algo que nunca fizeram antes. É fácil esquecer o enorme esforço psíquico que é aprender!

E isso é muito importante. Estou reiterando: respeitar ou não o conhecimento faz toda a diferença. Alguém que respeita o conhecimento acredita que quanto mais conhecimento, melhor. Essa pessoa vê a escola como uma enorme vantagem e considera inaceitável que o tempo em sala de aula não seja utilizado adequadamente para o benefício de todos. Essas são as consequências de respeitar o conhecimento.

Por outro lado, se alguns políticos não respeitam o conhecimento, não pensarão dessa forma. Eles podem acreditar que a escola deve ser um lugar de vida, de colaboração, um espaço para se divertir e exercer a curiosidade, para outras

coisas, porque para eles não há pressa para aprender.

Eu vejo isso do outro lado: o que uma pessoa de 18 anos precisa? Precisa saber ler bem, ter um vocabulário desenvolvido, entender um jornal e ter descoberto diferentes matérias para se orientar e escolher uma profissão. Precisa de conhecimentos para entender o mundo e, assim, agir, atuar no mundo, colaborar e melhorá-lo. Para mim, o conhecimento é como o motor da escola; é algo essencial que criamos, porque acreditamos na importância de aprender. O que está acontecendo agora é que alguns dos que têm influência na escola já não pensam assim; eles se esqueceram um pouco da missão da escola. Portanto, cabe aos pedagogos e professores lembrar qual deve ser o propósito da escola e o que é necessário para que ela funcione. Isso é o que temos repetido aqui: a autoridade do professor, o respeito pelo conhecimento e a obrigação dos alunos de se esforçarem.

11. Os dados do informe Mckinsey (2007) sobre a importância dos professores são conhecidos, mas negligenciados em diversos países, especialmente no Brasil. Dados recentes da OCDE (2024) mostram que o salário do professor no Brasil é menos da metade (48%) da média paga por outros países, somado à precarização das condições de trabalho dos professores brasileiros. Também, as pesquisas da Varkey Foundantion

(2023), por meio do *Índice Global de Status de Professores*, indicam o Brasil como o país que menos valoriza o professor no mundo. Qual o papel das novas pedagogias por essa desvalorização dos professores e quais suas implicações para qualidade educacional?

IE – Novamente, o mesmo: quando se desvaloriza o conhecimento, o respeito pelo professor também diminui. É mais fácil dar um exemplo oposto, que pode ser encontrado em países como China ou Singapura, onde há muito respeito pelo professor, pois ele é o meio pelo qual os alunos aprendem e obtêm boas notas nos exames, que são considerados importantes. Por isso, os professores são bem pagos, e as boas escolas tentam atrair os melhores profissionais, oferecendo salários mais altos para tê-los. Os alunos, por sua vez, tendem a pedir aulas extras e pagam ainda melhor a esses professores.

Algo que surpreende muitos ocidentais é a presença de grandes telas com a imagem de professores renomados; todos querem estudar com esses "professores estrelas", pois aprender bem é crucial. Se aprender não é importante, se não há exames, ou, se os exames não contam, é evidente que isso impacta o status e o salário dos professores, criando uma espiral negativa. Isso afeta aqueles que podem considerar uma carreira docente, pois percebem que seus colegas de grupo têm pouca vocação, não leem os livros e não vêm preparados para as aulas. Assim, eles perdem o

respeito pela própria profissão e acabam buscando outras oportunidades.

Os primeiros a deixar a profissão são aqueles que têm mais opções e podem escolher entre várias carreiras. Muitas pessoas de talento intelectual abandonam a docência porque ganham mais em outras áreas, têm ambientes de trabalho mais agradáveis e recebem mais respeito em profissões diferentes. A situação se deteriora ainda mais!

Eu também acho útil pensar um pouco em Singapura. O que Singapura faz para obter os resultados que têm? Bom, no último ano do ensino médio, ou do colegial, os melhores alunos são inseridos em grupos e incentivados a se tornar docentes. Eles são organizados para estagiar antes de terminar a escola, podendo assim escolher entre alunos muito bons, pois a formação é paga e recebem salários desde o primeiro dia na formação docente. E o que eles têm que fazer, em contrapartida, é trabalhar, eu acho que, três anos para Singapura. Depois disso, se não trabalharem esses três anos, têm que devolver parte do dinheiro dos estudos.

Os salários dos professores são constantemente comparados com os de advogados, engenheiros e médicos, garantindo que fiquem em um nível semelhante, para que ninguém abandone a docência por questões salariais. Isso demonstra a valorização do conhecimento e da educação.

Isso também está relacionado com a história de Singapura, um país pequeno fundado em 1965, em um local pouco favorável para construir uma sociedade, cercado por países nem sempre amistosos. Portanto, há uma consciência de sobrevivência e a educação é vista como o principal recurso do país, que não possui minas ou agricultura, mas sim o conhecimento e a inteligência de seus habitantes.

Por fim, quando os professores em Singapura concluem sua formação, o ministro da Educação geralmente lhes dirige o mesmo discurso, enfatizando que eles são os pilares da sociedade e que todos contam com seu trabalho. Que eles [os professores] terão respaldo, ajuda e são como soldados de Singapura. Essa abordagem os coloca como defensores da educação.

Essa é uma resposta longa para afirmar que, se os salários caem, isso está ligado ao respeito pelo conhecimento. Portanto, aumentar os salários sem mudar outras condições não funcionará. É necessário um projeto nacional que vá além da remuneração de determinados funcionários.

12. Pergunta do chat: Gostaria de saber se a educação tradicional pode ajudar mais estudantes, incluindo aqueles com TDAH e alunos com altas habilidades.

IE – Sim, a educação tradicional também ajuda os alunos com altas habilidades, pois proporciona um

tipo de ordem mental. Os alunos com altas habilidades lembram-se melhor, conseguem aprender mais rapidamente e, dessa forma, adquirem métodos de estudo e trabalho que serão úteis fora da sala de aula. Portanto, é benéfico para todos, tanto para os alunos mais lentos quanto para os mais rápidos. Isso é algo que todos nós podemos observar, pois temos exemplos disso quando havia ensino tradicional.

13. Favor comentar sobre os efeitos esperados da combinação do igualitarismo permissivo com as novas pedagogias, e sobre o tabu que nos impede de mencionar a relação dessa combinação com a crise da educação no Ocidente.

IE – Igualitarismo na escola é pensar que todos [...], como vocês sabem, há dois tipos: dar acesso igual à educação, ou que todos devem sair com resultados semelhantes. Muitos países ocidentais optaram por construir a escola com um modelo único para todos: o mesmo professor, o mesmo currículo, o mesmo ritmo e as mesmas exigências, com pouquíssimas ou nenhuma possibilidade de escolha. Assim, o igualitarismo na educação significa dar o mesmo a todos, o que funciona relativamente bem na educação primária, desde que os professores sejam muito bons. No entanto, na educação secundária, os alunos já são muito diferentes, tanto em capacidade quanto em vontade e sonhos de futuro.

Creio que, como sabem também todos

vocês, o período mais difícil é a educação secundária, onde o igualitarismo muitas vezes causa conflitos em sala de aula, pois os alunos se irritam uns com os outros. Esse modelo atende alguns alunos, mas não os mais lentos e nem os mais rápidos, resultando em irritação. É aí que surgem os métodos ativos, que podem ser uma forma de trabalhar em equipe, como realizar pequenas pesquisas. Essa abordagem tenta ignorar as diferenças significativas entre os níveis e capacidades dos alunos, o que não funciona bem para os mais lentos ou para aqueles que não têm conhecimentos prévios, pois acabam se tornando alunos "mudos" no grupo, deixando que os outros trabalhem.

Muitas vezes, aqueles que fazem a maior parte do trabalho o fazem com certo ressentimento, achando injusto que tenham que realizar tudo sozinhos. Além disso, a tarefa pode não ser a melhor nem para os mais avançados nem para os menos avançados. Assim, as atividades ativas, embora nem sempre sejam a solução ideal, e não ajudam a manter o grupo de alunos na sala de aula sem grandes problemas.

Existem duas maneiras de usar métodos ativos para alunos entre 14 e 16 anos, por exemplo. Uma delas é permitir que eles realizem um trabalho próprio por duas ou três semanas e, depois, entreguem um trabalho escrito, possivelmente acompanhado de uma apresentação oral. Um exemplo, em geografia,

seria escolher um país da Europa e apresentar dados sobre esse país ao grupo. Isso não significa que aprendam sobre todos os países, mas apenas sobre o país que estudaram, e muitas vezes não aprendem o que é mais relevante, perdendo muito tempo.

A outra abordagem é dar uma aula, mas dividi-la em partes menores, como 3 ou 4, para evitar que os alunos fiquem entediados. O professor pode começar explicando o tema do dia, em seguida, o professor pode apresentar um vídeo de 10 minutos para captar a atenção deles, seguido de uma tarefa em duplas. Ao final da aula, pode haver uma atividade de cópia ou escrita.

Dessa forma, o igualitarismo se manifesta por meio de métodos mais ativos, que não são, em si, necessariamente os mais eficazes para aprender, mas sim uma forma de manter o grupo sob controle, evitando rebeliões de alunos desinteressados. Isso resulta em perda de tempo para todos: os alunos muito bons, os medianos e os lentos. Eles ficam ocupados, a hora passa, e o professor é elogiado por "gerenciar" a situação socialmente, mas isso não é comprovadamente a melhor maneira intelectual de usar o tempo de forma intelectual. Portanto, essa é uma pergunta muito boa, muito relevante, que mostra a relação entre igualitarismo e métodos ativos.

14. No livro “Educação: guia para perplexos”, já no final do capítulo sobre a realidade e a verdade,

se apresentam as implicações da anarquia mental. Como o niilismo, o hedonismo, a neofilia (apreço pelas novas tecnologias na educação, como a Inteligência Artificial), contribuem para a negação do acesso aos saberes escolares historicamente construídos?

IE – Vamos ver se entendi, pois isso está relacionado a perguntas anteriores. Acredito que esse niilismo, por exemplo, surge do desinteresse pelo conhecimento, já que para o professor e para o grupo [inseridos no construtivismo] não há urgência em aprender. Vou dar um exemplo simples: se estamos em outubro e há uma prova de inglês difícil em meados de dezembro, os professores vão querer que seu grupo se saia bem e os alunos vão querer obter boas notas. Ou seja, há uma preparação para colaborar, ser eficazes e não perder tempo. Isso é o oposto do que vemos hoje, onde não há um objetivo claro, e, portanto, não parece urgente usar bem o tempo. Assim, pode-se brincar com a inovação e perguntar o que os alunos querem fazer hoje, ou fazer coisas que realmente não levam a nenhum objetivo específico. O tempo é perdido em atividades triviais; nas aulas para pequenos, pode-se até colorir algo, e na educação secundária, assistir a um vídeo que não agrega muito.

15. Pergunta do Chat: A professora poderia falar um pouco do que se esperar da Inteligência Artificial na educação?

IE – Tenho tentado refletir sobre isso, mas, humildemente, a partir do meu ponto de vista. Como não sou especialista, não acredito que seja muito importante para o aprendizado em si. Eu acho que o aluno, o ser humano, precisa desenvolver seu cérebro, precisa de vocabulário, precisa de fluência na leitura, precisa de conhecimento e orientação geral sobre o mundo. Isso não mudou, mas talvez [a IA] possa mudar algo no trabalho do professor. Por exemplo, a Inteligência Artificial poderia preparar uma prova: você pode inserir os dados e pedir para que seja criada uma prova de 10 perguntas sobre esse conteúdo. Pode ser que precise fazer alguns ajustes, mas seria mais rápido. Provavelmente, poderia ajudar a corrigir erros de ortografia e várias outras coisas.

Mas eu acredito que isso vai afetar o trabalho do professor, mas não acredito que afetará tanto o aprendizado dos alunos. Possivelmente, também mudará a maneira de controlar o trabalho dos alunos, porque essa prática de entregar uma folha escrita ao final de um trabalho, chamado de “investigação” não vai funcionar, pois eles fazem isso em 2 minutos e pronto, e passam para outra coisa. Assim, vamos ter que voltar a ter provas escritas à mão e provas orais. Isso, também na Universidade será muito notável, e em conversas, porque ao conversar com um estudante por 10 minutos, o professor percebe se ele leu o livro ou não, se sabe do que está

falando e se utiliza o vocabulário adequado.

16. Recente pesquisa da UNESCO (2023), intitulado “Tecnologia na Educação: uma ferramenta a serviço de quem”? Condena abertamente o uso de telas (tablets, smartphones, celulares, entre outros) devido aos prejuízos na saúde e no aprendizado dos estudantes. O relatório esclarece que não há nenhuma evidência positiva sobre o uso de tecnologias na educação, e denuncia o interesse empresarial na insistência da venda de soluções tecnológicas. Do relatório, verifica-se que “boa parte das evidências são produzidas pelos que estão tentando vendê-las” (UNESCO, 2023, p. 7). Sobre essa questão, o ensino analógico parece superar o ensino digital. Favor comentar, por que em seu país, a Suécia, foi tomada a decisão de se abandonar o uso massivo de tecnologia no ensino dos alunos, optando por reintroduzir os tradicionais livros impressos, e quais resultados são esperados?

IE – Aí sim eu tenho mais a dizer do que sobre a Inteligência Artificial. Bem, na Suécia, houve um investimento massivo em tecnologia, começando nos anos 80, mas de forma intensa desde os anos 90. Então, não é uma falta de investimento. No entanto, há uma grande decepção, porque os resultados não correspondem ao investimento, nem em dinheiro, nem em recursos, nem em tempo. Além disso, houve pesquisas de psicólogos

e médicos que dizem a mesma coisa: que isso [inserção de tecnologias nas escolas] pode ser até negativo para crianças pequenas. E o que vemos nas escolas é que, embora possa haver alguma vantagem de vez em quando, há muitas desvantagens, principalmente porque os alunos se distraem e fazem outras coisas. Assim, o negativo é muito mais importante que o positivo.

Agora estamos [Suécia] mudando os currículos, e o governo tem dado quantias significativas às escolas para comprar livros impressos. Há também uma nova lei que diz que será obrigatório ter uma biblioteca escolar e com bibliotecário presente, isto irá custar muito. Uma observação importante, relacionada a tudo isso, é que vimos em comparações internacionais que temos problemas, principalmente com os alunos imigrantes recentes, que têm um desempenho ruim em compreensão de leitura. E, obviamente, ter muitos computadores na sala de aula não ajuda no aprendizado. Portanto, precisamos começar com outra abordagem, porque esse é o problema mais importante e urgente da escola sueca: fazer com que esses alunos leiam bem e avancem mais, e isso, claramente, não se faz por meio da tecnologia.

17. O construtivismo, com sua base no mito do bom selvagem, não é uma teoria, não existe teoria construtivista, porque não preenche os pressupostos exigidos por qualquer teoria. Antes,

o construtivismo pode ser considerado um guarda-chuvas de diversas ideologias pautadas na negação do acesso aos saberes objetivos e sistematizados aos estudantes. Dentre essas ideologias temos o ensino por investigação, ensino por projetos, a pedagogia das competências e do professor reflexivo, a pedagogia do aprender a aprender, a relativização do multiculturalismo, etc. Quais motivos dessa corrente hegemônica na educação ocidental e por que é tão difícil superá-la?

IE – Bem, posso responder de forma geral e com um exemplo. De maneira geral, o que precisamos fazer é voltar a focar nas disciplinas, colocando-as no centro da organização da escola para saber aonde estamos indo. Não podemos saber se estamos trabalhando bem se não definirmos claramente qual é a meta, que pode ser um exame. De outro modo, deve haver uma meta clara. Por isso, o que se precisa na escola são professores, e não tanto orientadores pedagógicos de diferentes tipos, porque não se trata do como, mas do porquê, que é o importante.

Posso dar um exemplo da Europa: o melhor país no PISA agora é a pequena Estônia [rss], que tem um milhão e quatrocentos mil habitantes. É um país que foi recriado após a queda da União Soviética, e tem fronteira com a Rússia, e enfrenta dificuldades de diferentes tipos, mas é o melhor país da Europa em educação. E o que eles fazem? Eles estabelecem uma meta e trabalham em cima

dela, porque sabem que isso é como o orgulho da Estônia ter bons exemplos. Eu conversei com a ministra da Educação, e ela me comentou que o dia em que os resultados do PISA são divulgados é tão importante que, quase em tom de brincadeira, disseram que vão transformar isso em um feriado, em festa nacional.

18. Em seu livro “Educação: guia para perplexos”, é evidente a importância da família na escolarização dos jovens. A professora afirma que é preciso “repaternizar” a sociedade devido ao fato de que muitos pais fugiram da sua tarefa. Como conseguir que as escolas busquem o apoio dos pais para que os alunos se esforcem nas tarefas para aprender?

IE – Bom, a mesma coisa de novo, peço desculpas, porque é preciso ter uma meta clara. Se os professores sabem que, para passar de um ano para o outro, o aluno precisa saber certas coisas, a família tem interesse em apoiar o aluno para que ele aprenda. Assim, há metas claras, possivelmente alguns exames. Isso vai centralizar o interesse da família, para que o aluno, seu filho, passe nesse exame, porque o que seria desejável, o tradicional, é que, se há bons professores e um programa claro com exames, a escola pode se ocupar do aspecto intelectual, e a tarefa de casa seria cuidar do bem-estar físico do aluno: alimentação, atividades físicas, dormir à noite. Então, apoiar é o que a tarefa de casa representa,

e a casa também tem a tarefa de ensinar ou mostrar a moral ao aluno. Quando se vai à escola, se é aluno, se há algo que tem que ser feito em casa para apoiá-lo nas atividades escolares, deve-se fazer. Assim, ensinar boas maneiras e cuidar do bem-estar físico do aluno podem ser responsabilidades dos pais.

Os pais educam com o exemplo, com como se dirigem uns aos outros. Educam ao serem responsáveis, como, por exemplo, cumprindo promessas ao filho. Educam quando dizem, "vamos jantar a tal hora", e cumprem isso. Se dizem uma coisa, realmente cumprem. Isso faz parte da educação, e é o mais importante dentro de casa. Claro, depois, se a escola não tem bons professores, ou tem um programa muito fraco, seria desejável que a família também ajudasse com o conteúdo intelectual. Mas, se tudo funciona relativamente bem, o que a família deve fazer é apenas apoiar o aluno para estar em condições de aprender. E, como sabemos agora, o descanso é fundamental. Dormir as horas necessárias para um jovem. Não é garantido que isso aconteça, e se não dormem e chegam à escola meio sonolentos durante o dia, não conseguem aprender bem, e tudo começa a dar errado. Então, a família tem uma tarefa, que é, sobretudo, estar presente, responsável e apoiar a parte social e física do aluno.

19. Comentário dos mediadores: alimentação,

atividade física e bom sono são ingredientes básicos para uma boa escolarização.

IE – Sim. Ademais, e o que se diz cada vez mais, quase para rir, é sobre o quão negativo é o açúcar para os jovens. Alguns ficam muito nervosos com muito açúcar. Então, se alguém tem problemas, talvez possa, pelo menos, mudar um pouco a dieta.

20. Em “A seita pedagógica” de Mercedes Ruiz Paz, é visto que além da perda da autoridade epistêmica dos professores, os sistemas de ensino passaram a garantir, também, o menosprezo aos conteúdos escolares. A esse respeito, a professora afirma em seu livro “A boa e a má educação” que:

“A realidade é que aquilo que eles propõem é puro vazio, um catecismo do nada. Uma parte consiste na denúncia e na eliminação do que havia antes, e no absoluto tabu de dizer que a situação anterior era melhor em algum aspecto. Ao contrário, a inovação é sempre valorizada, e isso sem prova de que seja melhor do que havia antes. A atividade se concentra em produzir documentos, em fazer reuniões obrigatórias para docentes e em criar vagas de coordenadores e assessores. Apesar de toda essa atividade, a qualidade cai” (Enkvist, 2020, p. 274-275).

21. Nesse aspecto é também afirmado que, para além de uma crença e de uma linguagem própria, “uma seita também precisa de dinheiro, e nesse caso os membros do grupo souberam instalar-se dentro das estruturas do serviço público como funcionários, e viver do dinheiro do contribuinte”. Como é possível aos professores vencerem esse catecismo do nada? Seria um trabalho de Sísifo?

IE – Luis, você descreve isso muito bem, e eu concordo. É como uma resposta a uma das perguntas anteriores: por que o construtivismo sobrevive? Porque é como é, sem conteúdo; cada um pode projetar o que quiser sobre essa ausência de conteúdos. Mas a pergunta no final é muito séria: o que faz um professor que descobre tudo isso? Eu tenho apenas algumas ideias gerais. Primeiro, juntar-se com outros professores para não se sentir sozinho. É necessário ter colegas de trabalho, falar com alguém e não se sentir isolado.

Em segundo lugar, buscar uma escola com um diretor que entenda essas questões, um diretor que apoie seus professores quando estão fazendo seu trabalho. Em terceiro lugar, talvez procurar uma escola particular onde seja possível trabalhar, pois é muito triste lutar contra o ambiente. Especialmente se os outros professores e o diretor não respaldam, não apoiam o professor. O professor pode acabar se sentindo desanimado, doente ou até deixando a profissão.

Como sabemos, esse é um dos grandes problemas atualmente: os professores estão

deixando a profissão, seja durante a formação, seja nos primeiros anos após começarem a trabalhar, o que é um grande desperdício, pois se aprende muito nos primeiros anos. Se o professor sai quando já adquiriu certo conhecimento sobre como trabalhar, a escola em questão começa do zero com outro professor, e assim não se avança. Portanto, é muito difícil; é preciso denunciar que a nova pedagogia está vazia e tentar sobreviver juntando-se a outros que pensam da mesma forma que você.

22. Nesse caso, a união faz a força! Porque a realidade é muito triste?

IE – Sim, eu creio que sim. Eu tenho trabalhado com dois livros norte-americanos que têm a ver com isso, e um deles, que também está relacionado com as perguntas que vêm a seguir, se chama *Charter Schools and Their Enemies*, de Thomas Sowell, que foi publicado há dois anos. Ele compara dois tipos de escolas em Nova York: uma com nova pedagogia e uma escola pública que é gratuita, mas tem uma gestão privada. A diferença é que nas Charter Schools, que têm resultados muito melhores, há uma vontade de avançar; os alunos e suas famílias fazem fila para entrar. E o que une essas escolas é que recebem menos dinheiro. Assim, não é apenas uma questão de dinheiro, mas tanto os professores, quanto os alunos, querem obter resultados, e com isso, mesmo com o mesmo tipo de alunos que nas

outras escolas, eles vão muito melhor.

Isso está relacionado com a pergunta anterior sobre se juntar a outros professores que também querem trabalhar dessa forma e focar nos conteúdos e nos resultados. E, fisicamente, os alunos estão melhor; não há criminalidade e não há meninas que ficam grávidas durante a adolescência. Assim, os fatores sociais também se saem melhor em uma escola mais organizada.

Outro livro que também é muito recente e que eu estudei é *How to Educate a Citizen*, de E. D. Hirsch. É também um livro que traz alegria ao trabalhar e é um pouco encorajador, porque diz que, se a educação primária for bem-feita, os alunos podem aprender, já na escola primária, realmente o que precisam para ser cidadãos: dominar a língua, escrever, ler e ter um conhecimento geral. Isso é o que faz uma sociedade funcionar, quando todos têm uma base de conhecimento em comum. E, com certeza, esse mesmo autor elaborou currículos para todos os anos escolares, do primeiro ao quarto ano. E mostra que os alunos podem aprender muito mais do que costumam aprender e ser mais felizes, porque se sentem orgulhosos de si mesmos, e seus pais e professores também se sentem orgulhosos deles.

Assim, eles entram em uma espiral positiva. Você perceberá que ambos os métodos ou sugestões focam nas matérias e na meta, e não em um método específico. Isso não é um método, mas

sim focar no conteúdo e manter a ordem na sala de aula. É assim, fácil; não custa nada.

23. Nesse caso, é mais fácil educar as crianças pequenas do que corrigir os alunos mais velhos?

IE – Não acho que seja mais fácil ou mais difícil. Acredito que os alunos, tanto os pequenos quanto os grandes, reconhecem algo no professor. Se há ali uma pessoa que está atenta às suas necessidades, que está presente também psicologicamente. E não alguém que não é sincero, se alguém faz promessas que depois não cumpre. E se o professor sabe o que deve ensinar e, por isso, assume uma boa autoridade, porque essa pessoa está tranquila, sabe o que faz, sabe o que quer transmitir e sabe o que conta para a criança ou o que ajuda é bom para ela. Essa tranquilidade também acalma o aluno e faz com que ele se abra ao conhecimento."

24. O currículo em espiral desenhado por Jerome Bruner seria um modelo curricular honesto para oferecer conteúdo aos alunos? Qual seria o melhor currículo?

IE – É um pouco do que já comentei, mas poderia abordar de uma maneira mais geral. Na educação primária, o aluno precisa, bem, estabelecer a leitura e a escrita; ele precisa conhecer bem esses fundamentos e as bases da matemática. Isso tem um aspecto automático: é aprender de memória e fazê-lo de maneira não instintiva, mas

absolutamente mecânica. Porque, após a primária, ou durante a segunda fase da primária, ele vai aprender as bases de matérias como geografia, história, ciências, e o que for, vai aprender de forma superficial. Mas esse é o primeiro passo, pois vai construir uma base para depois. No ensino secundário, ler textos literários, ver os pontos de vista, perceber que, certo relato é compreendido por meio da interpretação da mãe ou da criança. Vai ler textos históricos e se dar conta de que em outra época as coisas não eram da mesma forma, e começará a se interessar pelas fontes: quem diz isso, por que se disse, em que situação diz.

Mas, obviamente, Se o aluno não lê bem, ele não pode aprender ou adquirir primeiro esse marco geral, porque precisa ler para entender o marco, e se não tem um marco geral, vai se sentir perdido quando se trata de pontos de vista [interpretação]. Tudo tem o seu momento, e não se podem pular níveis. Esse é o grande problema que enfrentamos. É um erro o que se comete agora, deixamos um aluno que não aprendeu continuar, continuar, continuar [passar de ano sem ter aprendido] e, de repente, ele está completamente perdido. E, como não entende, sente a tentação de fazer barbaridades na sala de aula, porque está perdido. E não deveria ser permitido que um aluno se encontre nessa situação.

25. Dentre os aspectos apresentados, a pergunta

de nosso encontro, por que o ensino direto é mais efetivo e democrático?

IE – Sabemos o que funciona, e é curioso, porque há tanta pesquisa pedagógica. Sabemos o que funciona, mas não se quer admitir! Já dissemos que a Instrução Direta colocaria o professor e a matéria em primeiro plano, deixando os pedagogos em segundo plano. Assim [risos], os pedagogos não têm interesse em introduzir o Ensino Direto. Do meu ponto de vista, isso é um tipo de fraude para as famílias, para os alunos e para os contribuintes. Pagamos muito caro pela escola, e nela não se utiliza o melhor método. Se os pais soubessem disso, se revoltariam. Ou poderíamos usar uma palavra que não agrada: poderíamos dizer que é um tipo de corrupção do sistema educacional: usar um método que sabemos que não é o melhor.

As citadas “Charter School” apresentam bons resultados como mencionado porque elas selecionam alunos?

IE – Não, não. Eu digo mais, porque Thomas Sowell é economista e as descobriu por acaso na cidade de Nova York, como um experimento escolar, não organizado, mas natural. Os alunos nas escolas públicas do centro são quase todos de baixo nível social e socioeconômico, muitos também pertencem a minorias étnicas. A cidade de Nova York dá a mesma quantia a todas as escolas, e os professores têm que passar pela mesma formação

docente para adquirir sua licença. Além disso, muitas vezes eles estão nos mesmos edifícios, pois as escolas foram construídas quando havia mais crianças; agora há menos crianças e há espaço livre nas escolas, então algumas escolas charter se instalam até no mesmo edifício.

É impossível e incrível que haja resultados diferentes. A única diferença é que, nas escolas de Nova York das quais ele fala, tanto os professores quanto os alunos e os pais decidiram que o essencial aqui é o conhecimento, e os pais apoiam as regras de comportamento da escola. Segundo o livro, há 50 mil famílias na fila que querem entrar. Assim, os pais querem que seus filhos estudem bem e adquiram conhecimento. Mas, os pedagogos ou os professores construtivistas [inseridos nos sistemas de ensino] não querem mudar e desejam manter o controle sobre uma parte do orçamento. Por isso, eles freiam a aceitação de mais escolas charter, porque, se os pais pudessem decidir, mais escolas charter seriam criadas e haveria menos escolas construtivistas. Mas os professores e os políticos construtivistas não permitem isso.

Agradecimentos à Inger Enkvist.

Nota do tradutor: as inserções entre colchetes [xxx] indicam aquilo ao que a autora estava se referindo em sua fala, em alguns casos, também, indicam risos [rss], ou pausas [...] em que estava

pensando para responder. Essas inserções têm o objetivo único de aumentar a compreensão de suas respostas.

Entrevistadores:

Raquel Angela Speck e

Luis Gomes de Lima

Referências

ENKVIST, Inger. **A Boa e a Má Educação:** Exemplos Internacionais. Campinas: Kíron, 2020.

ENKVIST, Inger. **Conhecimento em crise:** as ideologias na educação. Campinas: Kíron, 2022.

ENKVIST, Inger. **Educação:** Guia para Perplexos. Campinas: Kíron, 2019.

ENKVIST, Inger. **La Educación en Peligro.** Pamplona: EUNSA, 2010.

ENKVIST, Inger. **Repensar a educação.** São Paulo: Bunker Editorial, 2014.

HIRSCH JR, Eric Donald. **How to Educate a Citizen: The Power of Shared Knowledge to Unify a Nation.** Illustrated ed. New York: Harper, 2020.

SOWELL, Thomas. **Charter Schools and Their Enemies.** New York: Basic Books, 2020.